

# A DIÁSPORA E A SUBALTERNIDADE FEMININA NO ROMANCE EU, TITUBA: BRUXA NEGRA DE SALEM, DE MARYSE CONDÉ

III Encontro Nacional de Letras no Litoral Norte da Paraíba - ELLIN-PB, 3ª edição, de 08/05/2024 a 10/05/2024  
ISBN dos Anais: 978-65-5465-093-9

WANDERLEY; Biancka Ellen Baracho<sup>1</sup>, MAIOR; Maria Elizabeth Peregrino Souto<sup>2</sup>

## RESUMO

A produção literária de escritoras afrodiáspóricas constitui uma importante ferramenta para a compreensão das ausências de vozes por muito tempo silenciadas, constituindo-se assim como eixo central de interesse dos estudos pós e decoloniais. Esses dois campos desempenham um papel crucial ao dar espaço para a experiência de povos colonizados através do texto literário produzido por escritoras com vivências no sul global, de experiências e perspectivas de populações que foram historicamente negligenciadas e marginalizadas cultural, social e economicamente. Ao explorar temas como identidade, diáspora, racismo estrutural, classicismo e sexismo, a autora guadalupense Maryse Condé traz à tona as complexidades e os efeitos dos processos de conquista europeia da atual América. Condé explora, em sua obra "Eu, Tituba: Bruxa Negra de Salem" (1986), as consequências das violências e dos apagamentos do colonialismo europeu sobre as comunidades originárias que experienciaram os traumas causados pela imposição cultural sobre um povo desapropriado de suas raízes africanas. Nesse contexto, a literatura francófona serve como ferramenta para recontar e reavaliar essas histórias de subalternidade, oferecendo uma perspectiva crítica da colonialidade e seus efeitos nas populações outrora colonizadas. O presente trabalho tem como objetivo, portanto, analisar os efeitos da diáspora nos corpos femininos representados na obra "Eu, Tituba: Bruxa Negra de Salem" (1986), da autora Maryse Condé. Ao explorar a história ficcional de Tituba, uma mulher negra escravizada acusada de bruxaria durante os julgamentos de Salem, Condé oferece uma reflexão sobre as verdades históricas institucionalizadas, oferecendo novas interpretações dos fatos que marcam e estigmatizam os corpos femininos em diáspora como violados e silenciados por ocasião dos deletérios processos coloniais. Nossa análise será amparada em conceituações propostas por teóricos pós e decoloniais, como Stuart Hall (2013), Patricia Hill Collins (2019) e Bell hooks (1989), com enfoque nas maneiras através das quais a obra de Condé problematiza a experiência colonial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diáspora, Literatura pós-colonial, Maryse Condé, Colonialidade do gênero

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba, bianckawanderley16@gmail.com  
<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba, mepsmm@academico.ufpb.br